

Macunaíma-Colorau e pessoas em situação de rua: sobre pesquisa, arte e vida¹

Macunaíma Colorau *and homeless people: about research, art and life*

Macunaíma Colorau *y las personas en situación de calle: sobre la investigación, arte y vida*

Natália Alves dos Santos

Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: santosnatalia.alves@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8552-1208>

Andréa Vieira Zanella

Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: a.zanella@ufsc.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8949-0605>

RESUMO:

Este artigo problematiza a condição de pessoas em situação de rua e suas complexas relações com a cidade a partir do diálogo com a obra *Macunaíma Colorau*, exposta no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), de autoria dos artistas Clarisse Hoffman e Lourival Cuquinha em parceria com povos indígenas e comunidades quilombolas. A potência da obra de arte em questão permitiu que se problematizasse a forma como se enxerga as pessoas em situação de rua e que lugar lhes é oportunizado ocupar na cidade. Na esteira, o próprio pesquisar e a condição de pesquisadora são discutidos.

Palavras-chave: Pesquisa. Arte. Videoinstalação. Pessoas em Situação de Rua.

ABSTRACT:

SANTOS, Natália Alves dos; ZANELLA, Andréa Vieira. *Macunaíma-Colorau e pessoas em situação de rua: sobre pesquisa, arte e vida.*

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 23, set-dez. 2021
Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

This article problematizes homeless people condition and their complex relation with the city through a dialogue with Macunaíma Colorau work of art, exhibited at São Paulo Modern Art Museum (MAM), authored by the artists Clarisse Hoffman and Lourival Cuquinha in partnership with indigenous peoples and quilombola communities. The power of the artwork in question made possible to problematize the way homeless people are seen and what place is opportunized for them to occupy in the city. Research itself and researcher condition are also discussed.

Keywords: *Research. Art. Video installation. Homeless People.*

RESUMEN:

Este artículo analiza la condición de personas en situación de calle y sus complejas relaciones con la ciudad a través del diálogo con la obra Macunaíma Colorau, exhibida en el Museo de Arte Moderno de São Paulo (MAM), de las artistas Clarisse Hoffman y Lourival Cuquinha en alianza con pueblos indígenas y comunidades quilombolas. El poder de la obra de arte en cuestión permitió problematizar como se ve a las personas en situación de calle y qué lugar tienen la oportunidad de ocupar en la ciudad. A continuación, se discute la investigación en sí y la condición del investigador.

Palabras clave: *Investigación. Arte. Instalación de vídeo. Personas en situación de calle.*

Artigo recebido em: 03/03/2021
Artigo aprovado em: 24/09/2021

Introdução

Tratamos nosso corpo como uma grande abertura, um abismo invertido que nos lança para o mundo em uma miríade de ações em relação (COSTA; FONSECA, 2008, p. 415).

Uma viagem à capital do estado de São Paulo. Três visitas. Alguns (re)encontros. Outubro de 2017. Lançar nossos corpos ao abismo invertido de dois museus e um instituto cultural foi a proposta-aposta da disciplina eletiva ministrada por Andréa Vieira Zanella no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina². E por que abismo invertido? Acreditamos que a inversão do sentido literal da palavra *abismo*, proposta por Luis Artur Costa e Tania Mara Galli Fonseca (2008), vai ao encontro das experiências que vivemos durante as supracitadas visitas. Experiências que, ao invés de lançarem nossos corpos à profundidade de um lugar “íngreme, despenhadeiro, precipício” (HOUAISS; VILLAR, 2009), trouxeram-nos à tona para o encontro com outros possíveis.

Disciplina-(in)disciplina, à medida em que tensionou fazeres profissionais e acadêmicos e desobedeceu a alguns preceitos através dos quais a Universidade, por vezes, nos captura. Discussão que convocou a dialogar com autores/as diferentes daqueles com os/as quais vínhamos trabalhando, e que, entre teorias, arte, bordados³ e afetos, possibilitou-nos o encontro com as reflexões-indagações tecidas neste texto. Psicologia e arte se encontraram na sala de aula e nos museus, e provocaram nossos corpos a questionar, duvidar e problematizar, tanto o foco como o processo de pesquisa em curso.

Não à toa, trazemos como epígrafe a reflexão sobre o corpo e as relações que ele estabelece com o mundo. Ao longo da tese de doutorado⁴ de Natália Alves dos Santos são tecidas problematizações sobre as tensões entre os corpos de pessoas em situação de rua e o corpo da cidade, pensando-se nas fissuras, no que habita o entre dessa complexa relação, propondo-se uma pesquisa que se materializa “por um dispositivo de interrogação dos territórios disciplinares” (LEMOS; JÚNIOR; NASCIMENTO, 2012, p. 157).

SANTOS, Natália Alves dos; ZANELLA, Andréa Vieira. *Macunaíma-Colorau e pessoas em situação de rua: sobre pesquisa, arte e vida.*

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 23, set-dez. 2021
Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

Optamos pela nomenclatura “pessoas em situação de rua” – muito utilizada no meio acadêmico –, mas entendemos que tanto a expressão eleita quanto a definição difundida no decreto 7.053/2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento⁵, são insuficientes e não dão conta de abarcar a heterogeneidade que constitui as vidas em questão. Igor Rodrigues, Dimitri Fernandes, Letícia Delgado e Bruno do Valle, afirmam que

a noção de situação de rua amplia o grupamento inclusive para indivíduos que têm uma relação oscilante entre a casa e a rua como universo de pernoite. Quebra-se, portanto, a noção de que apenas quem dorme e mora nas ruas possui a relação de pauperismo e marginalidade estabelecida no contexto urbano (RODRIGUES *et al.*, 2020, p. 39).

Vale salientar que alguns/mas pesquisadores/as têm trabalhado com o termo “cidadãos/ãs em situação de rua”, a fim de “chamar a atenção para a falsa dicotomia entre cidadania e condições sociais e ao mesmo tempo demonstrar as contradições no campo simbólico e material entre situação de rua e direitos” (RODRIGUES *et al.*, 2020, p. 15).

Ao longo da citada disciplina e dos caminhos que juntas/os percorremos, professora e alunas/os, transformamo-nos em um corpo criativo, aberto ao que a arte poderia nos ensinar a tensionar, a (re)ver, a escutar. Neste trajeto nos foi apresentada a “importância do investimento constante da/o pesquisador/a em suas condições e possibilidades de escuta, de abertura à diferença do outro, de tensionamento de suas próprias certezas e reinvenção de sua condição de estar em relação” (ZANELLA, 2017, p. 56).

Kátia Canton (2009) afirma que a arte faz por si só a aproximação entre questões artísticas, estéticas e conceituais, misturando-as “aos meandros do cotidiano, em todas as instâncias: o corpo, a política, a ecologia, a ética, as imagens geradas na mídia [...]” (CANTON, 2009, p. 9). Acreditamos, portanto, na arte como potente ferramenta para repensar nossa condição de pesquisadoras e nossas possibilidades de produzir conhecimentos sobre/com o que/quem/com quem estudamos. Ou, parafraseando Gilles Deleuze ao discutir em conversa com Michel Foucault sobre a função de uma teoria, pensamos a arte como uma ferramenta que deve ser útil a alguém, deve funcionar, e não servir somente a si mesma (FOUCAULT, 1979).

Em São Paulo, estivemos no Museu de Arte Moderna⁶ (MAM), no Museu de Arte Contemporânea⁷ (MAC) e no Instituto Moreira Salles⁸ (IMS), em companhia da historiadora de arte e professora universitária Luana Wedekin⁹, que guiou nossas visitas. Primeiro fomos ao MAM, depois ao MAC e, por fim, ao IMS. Nossa vontade era de trazer ao longo desta escrita vários trechos dessa experiência, que, apesar de ter ocorrido em apenas um dia, foi intensa e potente. Entretanto, faremos um recorte, transversalizando a arte que elegemos para esta escrita com os afetamentos¹⁰ (SPINOZA, 2009) promovidos pela disciplina e com a temática de pesquisa de doutorado de Natália Alves dos Santos. A obra *Macunaíma Colorau* foi a intercessora eleita para a discussão aqui proposta, convocando-nos a problematizar a questão das pessoas em situação de rua, dos infames (FOUCAULT, 2003), da alteridade e seu confronto com os modelos sociais hegemônicos.

Segundo Michel Foucault (2003), uma vida infame é aquela que não é dotada de nenhuma grandeza estabelecida e reconhecida, como as “do nascimento, da fortuna, da santidade, do heroísmo ou do gênio”. Vidas infames pertencem a essas muitas existências que são destinadas “a passar sem deixar rastro” e que possuem em “suas desgraças, e suas paixões, em seus amores e em seus ódios alguma coisa de cinza e de comum em relação ao que se considera, em geral, digno de ser contado” (FOUCAULT, 2003, p. 206).

Utilizando dessa perspectiva de Michel Foucault sobre uma vida infame, Lilia Lobo (2008) acrescenta que essas existências:

[...] desaparecerão no tempo sem deixar rastro – nenhuma nota de fama, nenhum feito de glória, nenhuma marca de nascimento, apenas o infortúnio de vidas cinzentas para a história e que se desvanecem nos registros porque ninguém as considera relevantes para serem trazidas à luz (LOBO, 2008, p. 17-18).

Elegemos a obra *Macunaíma Colorau* para dialogar com as vidas infames com as quais pesquisamos – pessoas em situação de rua – não só porque ela nos mobiliza a pensar sobre a diferença, visibilidades-(in)visibilidades, a violência e questões étnico-raciais, mas também porque seu próprio nome, em nossa atual conjuntura política, pode configurá-la como obra-infame. Trata-se de obra que se refere no título a uma das publicações mais importantes da literatura brasileira: *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter, do escritor Mário de Andrade. Marco do movimento modernista, o livro “dá resposta ao anseio do brasi-

leiro entender quem somos, afinal, como povo” (GOLDEMBERG, 2018). Um clássico, que tal como defendeu Ítalo Calvino (2009, p. 14), é “um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” e que “persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”.

O que esse livro ainda tem a nos dizer que o fez ser, em fevereiro de 2020, censurado pela Secretaria Estadual de Educação de Rondônia e integrar, por meio do Memorando-Circular nº4/2020 dessa mesma secretaria, a lista de 43 livros que deveriam ser recolhidos das escolas estaduais por apresentarem conteúdo inadequado a crianças e adolescentes? E o que tem a nos dizer a obra *Macunaíma Colorau*?

O encontro com a obra nos impactou e convocou à escrita que ora apresentamos. No diálogo da arte com a vida, o objetivo deste artigo é problematizar a forma como olhamos - eu, você, nós, a sociedade como um todo - as pessoas em situação de rua, seus modos de vida e o lugar que lhes oportunizamos ocupar na cidade. Na esteira, o próprio pesquisar e a condição de pesquisadora são discutidos.

1 Sobre o projeto *Macunaíma Colorau*

Macunaíma Colorau, a obra com a qual dialogamos nesta escrita, estava exposta no 35º Panorama da Arte Brasileira, cuja temática era “Brasil por Multiplicação”. Dezesesseis artistas e três Movimentos de Arte compuseram a exposição, que teve como curador Luiz Camillo Osório¹¹. Segundo o responsável pela curadoria do evento,

reunir em uma exposição, que se pretende um Panorama da Arte Brasileira, desde a concretude da intervenção arquitetônica até a fluidez da dança passando pelo audiovisual, pela escultura, pela fotografia e pela palavra, mais que explicitar a diversidade da cena contemporânea, em que a divisão dos meios expressivos e de disciplinas parece obsoleta, busca ressaltar a multiplicidade de tempos que compõem nosso momento histórico. O tempo do corpo que dança, da palavra escrita e da imagem projetada respondem a formas de percepção e de experiência plurais. Simultaneamente, é parte de nosso desafio articular os diferentes imaginários que se contaminam e se multiplicam no Brasil entre a cidade e a floresta, as comunidades periféricas e os centros cosmopolitas, entre o caos, a indeterminação e o mito (OSÓRIO, 2017).

A obra é uma videoinstalação que trata da mestiçagem do povo brasileiro. Faz parte do projeto homônimo de autoria dos artistas pernambucanos Lourival Cuquinha e Clarisse Hoffmann, que teve início em 2006 e fim no ano de 2009¹². O projeto foi idealizado a partir do encontro dos dois artistas para produzirem uma exposição encomendada pela Prefeitura Municipal de Recife. O tema do trabalho seria o dia da Consciência Negra.

Lourival Cuquinha, em entrevista concedida ao site ATRAVES¹³ (plataforma de investigação de processo criativo e comportamento contemporâneo), conta como foi o início da experiência de produção do projeto. Segundo o artista, ele saiu pelo centro da cidade de Recife com uma câmera, perguntando às pessoas se elas eram negras, independente do fenótipo que elas apresentavam, da cor de suas peles. Cuquinha (como é mais conhecido no cenário artístico) também filmou a pele de muitos/as entrevistados/as com a ajuda de um microscópio acoplado a uma câmera, o que dava a ver, pois, certa topografia das peles. Posteriormente, os artistas reuniram esse material audiovisual e fizeram uma projeção das peles e das respostas concedidas por meio de um pequeno televisor. Nas palavras do artista, foi realizado um “mapeamento étnico-subjetivo do centro da cidade do Recife”. Clarisse Hoffman, durante a mesma entrevista, relata que esse foi o “embrião” do projeto.

A artista, à época do convite realizado pela prefeitura, já trabalhava com comunidades quilombolas e possuía vários/as amigos/as militantes da causa indígena. Cuquinha também tinha uma relação próxima à causa. Os artistas resolveram, então, expandir essas relações, iniciando uma incursão pelo interior do estado de Pernambuco, buscando encontrar aquelas etnias¹⁴, só que, desta vez, questionando as pessoas se elas eram negras, indígenas ou brancas – também independentemente de seus respectivos fenótipos.

Nesta etapa do projeto, Hoffman e Cuquinha trabalharam em três territórios indígenas, a saber: Xukuru, Truká e Kambiwá, nas comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Castainho e nas cidades-sede dos municípios em que estão inseridos cada um desses territórios, sendo elas: Pesqueira, Cabrobó, Ibimirim, Salgueiro e Garanhuns, todas no estado de Pernambuco. Chegando nos territórios, os artistas entenderam que não bastava questionar as pessoas sobre sua identidade étnica, era preciso criar vínculos outros com as

comunidades, estabelecer um diálogo maior. A partir daí, iniciaram a segunda parte do projeto, que consistiu em uma vivência dos artistas durante alguns dias em cada uma daquelas localidades.

Durante o tempo em que permaneceram em cada território, Clarisse Hoffman e Cuquinha propuseram oficinas de arte política, de ativismo, de intervenção urbana, além de outras demandadas pelos povos em questão. Os artistas também apresentaram alguns trabalhos desenvolvidos por outros profissionais, brasileiros e estrangeiros, sobre a mesma temática das oficinas. A intenção era mostrar como a arte pode ser instrumento de reflexão e da luta por terra, por identidade étnica, dentre outras lutas e reivindicações. Logo após, os povos assumiram o protagonismo do trabalho, criando seu próprio processo, sua obra: performances, intervenções urbanas, vídeos, os quais tinham a ver com questões de interesse deles. Todas essas ações foram registradas através de filmadoras.

A etapa final da experiência foi a edição do material produzido com os povos, e o desafio posto era: como exibir tudo isso? Após muitos encontros, os artistas Lourival Cuquinha e Clarice Hoffman produziram a videoinstalação exibida no MAM de São Paulo, e cada povo produziu suas próprias instalações, que foram expostas em todos os territórios indígenas e quilombolas envolvidos. O processo de edição durou 14 dias, e 10 exposições dele decorreram; todas as obras produzidas, inclusive a que foi exposta no MAM, foram convidadas a se instalar no Museu de Arte Contemporânea de Olinda. “Levamos 20 representantes de cada povo para montar tudo conosco, foram 100 pessoas ocupando o museu [...] ocupamos o museu inteiro” (ENTREVISTA..., 2017).



Fig. 1 – Composição de fotos - Videoinstalação Macunaíma Colorau no MAM. Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

A videoinstalação exposta no MAM, com a qual dialogamos neste texto, ilustrada na figura 1, parte desse projeto maior que envolveu muitas pessoas. Considerando as características do processo, é possível pensar que produziu transformações-desestabilizações tanto na vida dos artistas quanto na dos povos envolvidos, as quais vão além do que vimos concretizado no museu. E essa possibilidade se apresenta também para quem, na condição de espectador/a, se dispõe a dialogar com *Macunaíma Colorau*.

Tal afirmação sustenta-se na compreensão de que a obra de arte, uma vez vivenciada em sua potência, se apresenta como possibilidade de recriação de si. Como afirmou Lev Vygotsky (1998, p. 308): “a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material”. Uma vez criada, toda

obra de arte separa-se de seu/sua autor/a e é recriada pelo/a espectador/a em um processo denominado por Vygotsky de síntese criadora secundária. O/a espectador/a, portanto, é cocriador/a da obra.

Para Jacques Rancière (2012), não há passividade no encontro entre espectador/a e obra de arte. Ao problematizar a condição do/a espectador/a em seu ensaio intitulado *O Espectador emancipado*, o filósofo defende a ideia de que “[...] o espectador é ativo, assim como o aluno ou o cientista. Ele observa, ele seleciona, ele compara, ele interpreta. Ele conecta o que ele observa com muitas outras coisas que ele observou em outros palcos, em outros tipos de espaços” (RANCIÈRE, 2012, p. 115). Dessa forma, não somente contempla a obra de arte, aprecia, observa, mas apreende-a, relacionando-a com as suas próprias experiências, o que se apresenta como condição para interpretá-la e reconfigurá-la, assim como a si mesmo/a.

Foi isso que aconteceu. *Macunaíma Colorau* provocou em nós, na condição de espectadoras, a experiência estética que motivou esta escrita. O que está objetivado neste texto, portanto, é resultado do que a obra nos possibilitou criar, recriar, contar e recontar.

2 Macunaíma Colorau no Museu de Arte Moderna de São Paulo

Um das características da obra que mais chamou a nossa atenção foi seu título. Por que Macunaíma? Por que Colorau? *Macunaíma*, romance de Mário de Andrade lançado em 1928, trata “da falta de definição de um caráter nacional, da cultura submissa e dividida do Brasil, do descaso para com as nossas tradições, da importação de modelos socioculturais e econômicos, da discriminação linguística [...]” (RODRIGUES, 2017). Macunaíma é personagem da literatura que ressalta a hibrididade de nossa constituição racial e social, o inesperado advento, o monstruoso decepcionante, enfim, resultado de misturas entrecruzadas que geram a diferença, o estranho, o anticânone.

Segundo Miguel Sanches Neto (2019), a raiz do livro é paródica e avessa a uma ideia triunfal de um homem brasileiro, aceitando, inclusive com humor, aquilo que de fato somos. O autor defende a ideia de que, historicamente, sempre existiu um “descompasso conceitual entre quem somos e quem gostaríamos de ser, o que fez com que tentássemos impor pela

literatura uma noção de civilização sobre as vastidões selvagens de nossas terras e de nossos sentimentos” (SANCHES NETO, 2019, p. 11). *Macunaíma* nos proporciona outro olhar sobre quem somos, “um país que é miscigenado, que se ama e se odeia por isso” (GOLDEMBERG, 2018), tensionando o mito das três raças¹⁵ personificado nas figuras do/a branco/a, negro/a, amarelo/a.

Colorau, por sua vez, é um condimento de cor vermelha utilizado na culinária brasileira, extraído da semente de urucum. Além de especiaria, também é usado pelos povos indígenas sul-americanos para pintura corporal. Especiaria utilizada com frequência em estados da região Nordeste e em Minas Gerais, é marca de uma culinária típica do Brasil. Elemento cultural que marca lugares e costumes.

O que poderia sugerir a junção do título da obra à especiaria tipicamente brasileira? Alguns povos indígenas, além de usarem o colorau para fins alimentícios e como remédio, pintam seus corpos com o mesmo para fins de guerra e festas. A cor torna-se, então, expressiva de um estado de espírito, de toda uma corporeidade. Da mesma forma, os sentidos revelados através da cor sensível colada ao corpo evidenciam uma importante característica dos indígenas, a de não dissociarem corpo e mente.

Macunaíma Colorau, fusão produzida entre corpo e cor, arte e vida, nos possibilita pensar as pessoas em situação de rua também através de certo hibridismo de modos de existir e se relacionar com a cidade. O adotar a rua como morada é balizado por motivos vários, assim como diversas são as maneiras de se relacionar com a cidade e as práticas higienistas produtoras de processos de (in)visibilidades e visibilidades seletivas, como apontam as pesquisas realizadas por José Ourismar Barros (2014), Karine Carneiro (2016), Tadeu Farias e Raquel Diniz (2019), Aline Sicari (2018), Tiago Lemões (2019), dentre outras. Assim como *indígenas* é expressão que acolhe uma ampla diversidade de povos, com seus rituais e costumes específicos, a expressão *pessoas em situação de rua* diz respeito a um público heterogêneo com diferentes modos de vida, ainda que tenham sido levadas a essa condição por conta do próprio sistema em que vivemos e seus complexos mecanismos de segregação, exclusão e opressão daquilo que não se adequa às normas social e historicamente construídas.

SANTOS, Natália Alves dos; ZANELLA, Andréa Vieira. *Macunaíma-Colorau e pessoas em situação de rua: sobre pesquisa, arte e vida.*

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 23, set-dez. 2021
Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

Outra característica que chamava a atenção na obra *Macunaíma Colorau* eram as dimensões da estrutura montada: a obra ocupava a maior parte de uma das salas do MAM. Logo na entrada, era possível avistar camisetas, uniformes e camisas de várias cores, modelos e tamanhos, apresentadas como uma espécie de tela de cinema inclinada para frente, formando um ângulo de aproximadamente 45 graus, suspensas por cordas, ancoradas no teto e no chão (figura 1). Estavam dispostas uma ao lado da outra, com suas mangas penduradas: uma espécie de tela-varal. A tela inclinada convocava os/as espectadores/as a disporem seus corpos de um modo inusual para as salas de projeção. A tela, pois, não era de cinema, ainda que imagens ali fossem projetadas.

Um varal nos remete a algo que queremos expor, seja ao sol que se ocupa da água que encharca as roupas ali penduradas, seja de poesias, fotografias e outras artes que se quer mostrar, tornar visível¹⁶. No caso de *Macunaíma Colorau*, a tela varal encarreirava peças em um fio estendido, em uma série disjunta, pois nem todas as peças dispostas se associavam em semelhança à sua anterior. Uma espécie de colar de pedras dispostas em forma de encadeamentos, por vezes emparelhados, por vezes díspares e desritmados. Tela-varal, um mundo visto em linha sequencial, abrigando, contudo, buracos de sentido e vazios de silêncio. Varal como linha de sentidos estendida sobre vãos a serem preenchidos a cada encontro, dispostas a se fazerem pontes de comunicação de uma narrativa não sequencial em seu teor e descontínua em seu percurso. Origens perdidas, esquecidas, torcidas a favor do padrão hegemônico, confrontadas com seu suposto ponto de origem, resultando em misturas e esquecimentos que vêm apontar a própria história como efeito de arranjos e agenciamentos dos corpos realizados em função de sua própria preservação vital.

A tela-varal nos remeteu a muitos outros varais que encontramos por algumas ruas das cidades, praças de metrópoles, e por algumas calçadas. Varais em que pessoas em situação de rua estendem a precariedade de suas existências, ao mesmo tempo em que nos apresentam formas outras de se relacionarem com a urbe, que desafiam nossa maneira sedentária¹⁷ de habitar as cidades. São varais que acolhem vestimentas de pessoas em situação de rua, de corpos que, por vezes, não se deixam formatar, que transgridem as regras

vigentes e ousam afirmar-se na condição de diferença, de diferentes. Corpos que fazem da rua sua morada e estendem na via pública os varais que expõem corpos privados e aquilo que os cabe, tensionando o próprio sentido de rua:

Como passagem, a rua é o provisório, lugar do encontro fortuito. Mas também é do acontecimento possível. Condenada à primeira possibilidade pelas políticas públicas governamentais, que voltam todos os esforços para uma limpeza relacional das calçadas, tem alguns momentos de transfiguração quando, na contracorrente, é presenteada com um varal (SOUSA; BECHLER, 2008, p. 402).

Essa torção do sentido de rua e de varal estendia-se, na obra *Macunaíma Colorau*, à tela de projeção. Uma tela-varal em que eram projetados os vídeos produzidos ao longo do projeto homônimo, que podiam ser escutados pelos/as visitantes por meio de fones de ouvidos, conectados a pequenos televisores onde o material audiovisual também era exibido.

Cada visitante poderia assistir aos vídeos deitando-se em várias almofadas, cujas capas também foram confeccionadas com camisas, camisetas e uniformes que, segundo Lourival Cuquinha, foram cedidos pelos povos indígenas e quilombolas. A roupagem do povo estava ali exposta, encarnada no chão e nas paredes do museu. Não era um amontoado de almofadas, eram objetos significativos, existências dispostas ao acolhimento de vidas outras.

O empréstimo do vestuário e a insígnia de que deveriam ser usados para “melhor ver” implica em discutir de que se trata esse “ver” e, ainda por cima, “melhor”. Obviamente, aqui se coloca o olhar como algo que suplanta a própria visão e seu raio de visibilidade. Olhar, aqui, pode significar olhar de olhos fechados, contemplando, sentir o que também nos olha no mundo que vemos. Uma contramão que nos é devolvida pelo mundo mudo que nos observa e interpela a que dele falemos e expressemos. Deitar o corpo na roupa do outro torna-se, aqui, um símbolo de entrar em sua pele, de “vestir sua camiseta”, em um laço e vínculo que expressam contágio, empatia, simpatia e amizade.

Foi difícil e desafiador repousar nossos corpos sobre corpos estranhos, desconhecidos. Assim como vestir a roupa do outro também o é. Já afirmou Byung-Chul Han (2017, p. 8-9) que, “pela defesa, afasta-se tudo que é estranho [...] mesmo que o estranho não tenha nenhuma intenção hostil, mesmo que ele não represente nenhum perigo, é eliminado em virtude de sua alteridade”.

Sentíamos-nos deitando sobre pessoas, sobre corpos, um deitar carregado de outros sentidos, que nada poderiam fazer para dali nos tirar. Automaticamente lembramo-nos das pessoas com as quais Natália Alves dos Santos vem trabalhando há vários anos. Aquela cama de almofadas poderia ser um amontoado de pessoas dormindo nas ruas. Pensamos que o incômodo ao qual a obra nos lançou tem a ver com o que já anunciava Vygotsky (1999): não há um eu a não ser em relação com um outro, com muitos outros, com a cultura. Questionamo-nos, então, sobre as relações que estabelecemos com as pessoas em situação de rua.

Não somente a obra concreta, mas também seu título nos levou a problematizar, a partir da questão da identidade étnica por ele suscitada, a forma com que as pessoas em situação de rua se enxergam na cidade. Não há, portanto, como desconsiderar a questão da alteridade que, tal como destacou Suely Rolnik (1992, p. 4), é “[...] o plano das forças e das relações, onde se dá o inelutável encontro dos seres, encontro no qual cada um afeta e é afetado, o que tem por efeito uma instabilização da forma que constitui cada um destes seres, produzindo transformações irreversíveis”.

Incomodadas, não éramos apenas visitantes-apreciadoras, entendíamos-nos ocupando outro lugar, víamo-nos na condição de expect-adoras, de:

[...] partícipes dos acontecimentos da audiência, uma posição de suposta exterioridade marcada pela possibilidade de reinvenção de sentidos, de leituras do mundo, de afirmação de novos possíveis, de recriação da própria existência a partir da relação, da afecção com ela” (ZANELLA, 2017, p. 226).

O encontro com a obra de arte constitui-se, pois, em mais um marco para demonstrar a força dos gestos e das atitudes em um processo de pesquisa. Uma entrega parece ter acontecido, permitindo uma passagem que torna o pesquisar como gesto de ultrapassagem de limiares, ultrapassagem dos limites que nosso cotidiano habitual estabelece, um ir a contrapelo de nós mesmos e do que estamos acostumados. Uma invenção de si e de mundos que só se torna possível a partir dos gestos de coragem de diferir.

3 Experiência estética, nomadismo e pessoas em situação de rua

A videoinstalação *Macunaíma Colorau* em nós instalou algo da ordem da experiência estética (BAKHTIN, 2011), pois nos convocou a repensar que lugares assumimos diante das pessoas com as quais pesquisamos e das ruas que nos atravessam, personificadas pela figura dos que fazem delas seu lugar de passagem e/ou morada. Pessoas que se movem para sobreviver. Corpos em trânsito, nômades, deslocados, em deslocamentos contínuos (forçados ou voluntários).

Para pensar o nomadismo no âmbito dos modos de vida das pessoas em situação de rua, podemos encará-lo no contexto das estratégias de controle social empreendidas nas cidades e direcionadas a essas pessoas via medidas higienistas que, em uma de suas facetas mais perversas, atualiza-se no que o filósofo Achille Mbembe (2018) intitula necropolítica. O conceito cunhado por Mbembe diz respeito a uma forma de governamentalidade em que o poder político, em suas variadas facetas, se apropria da morte como objeto de gestão, decide e toma medidas que definem quem vai morrer e de que forma isso ocorrerá. A necropolítica submete regiões e/ou populações permanentemente a um controle das condições necessárias à sua sobrevivência. São produzidas pelo Estado e seus variados aparelhos, condições mortíferas e discursos que elegem inimigos/as.

A oposição entre aparelhos de Estado¹⁸ e máquinas de guerra¹⁹ é colocada apenas como aparente, tendo em vista haver antes uma coexistência tensa entre as formas de Estado e as táticas nômades de ocupação do espaço. Tais considerações levam-nos a entender haver entre as duas formas uma diferença epistemológica fundamental e irreconciliável, não se tratando de almejar que, em algum dia, extinguir-se-á a referida conflitualidade entre poder constituído estatal e potência turbilhonar nômade. A guerra, nessa abordagem, somente é própria aos nômades que não se deixam capturar, uma vez que se relacionam de modo diverso com o espaço, fazendo surgir os pontos do mesmo através de seus próprios trajetos, ou seja, fazem o caminho ao andar, ao contrário dos sedentários que transitam e ocupam espacialidades alocadas em um desenho fechado e pré-constituído.

SANTOS, Natália Alves dos; ZANELLA, Andréa Vieira. *Macunaíma-Colorau e pessoas em situação de rua: sobre pesquisa, arte e vida.*

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 23, set-dez. 2021
Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

Da mesma maneira, desde a fundação das cidades, ou seja, em tempos remotos, as práticas nômades se evidenciam como resistências à militarização e ao esquadramento espacial. A lógica que predomina não é a da existência de chefes e hierarquias mais ou menos rígidas, e sim uma lógica espacial regida, no caso dos aparelhos de Estado, pela possibilidade de visibilizar o espaço social como um meio fechado, localizável e extenso, enquanto no caso das máquinas de guerra, o espaço sob o modo de ocupação imediata sempre se desterritorializa, não se destacando aqui, por parte dos ocupantes e errantes, a ação de conservar própria ao Estado.

A desterritorialização é o vetor do/a nômade, sendo que ele/a empreende encontros com a cidade (com os aparelhos de Estado) de forma a fugir deles, orientando-se pelas linhas de fuga que não cabem nas pranchetas arquitetônicas e nas políticas públicas. Mostram-se guiados pela lógica da guerra ao conservadorismo, uma vez que geram sua existência a partir de urgências vitais que necessitam ser atendidas.

Hoje, sabemos da existência do chamado nomadismo capitalístico (DELEUZE; GUATTARI, 2012), ou seja, vivemos a internacionalização e a perda de referências locais diante do fato da multinacionalidade comercial e produtiva. Do ponto de vista do capital, caíram as fronteiras entre países e suas diferenças, predominando um vetor de homogeneização, uniformização e universalização de valores. Trata-se, pois, da instauração de um modo de pensar, e, como diria Deleuze (2009), trata-se de uma imagem de pensamento.

Falar em nomadismo não é sinônimo de libertação, uma vez que em seus movimentos de gestão e captura em busca da governabilidade, o próprio Estado apropria-se do material desterritorializado pelos/as nômades para reinseri-los/as ou reterritorializá-lo/as no plano dos costumes e comportamentos aceitáveis pelo poder moral. Assim, as práticas nômades, identificadas àquelas práticas guerreiras e não militares (essas pertencem ao aparelho de Estado), contemplam a possibilidade de se referirem também a modos de pensar, concretizando-se em imagens de pensamento, seja dogmático e conservador (Estado), seja disruptivo, rizomático²⁰ e inventivo (máquinas de guerra nômades).

Assim, o nomadismo aqui tratado torna-se um conceito não somente para identificar habitantes nômades e não fixados no interior das cidades, reinos ou impérios, mas sobretudo para abranger práticas de modos de pensar e de fazer a própria ciência, polarizados entre a reprodução e a conservação, entre a interiorização e a universalização em paralelo à efemeridade, à não captura subjetiva, enfim, ao fora²¹, ao aberto, a outra versão da tradicional noção de mundo que conhecemos, à errância.

As pessoas em situação de rua têm evidenciado o problema do in-capturável na cidade, nomenclatura que associamos à qualidade de in-governável, visto que essas pessoas se revelam como os excessos e as desmedidas dos fluxos, colocando-se atentas e eficazes contra as ordens emanadas do coletivo instituído do *nomos* vigente. Estamos diante do problema da governabilidade e das tensões daí emergentes, problema profundo e arcaico desde que os seres humanos vivem em sociedade e que não se refere tão somente aos estados modernos. Em todas as épocas, com seus respectivos modos específicos de lidar com a existência, com o bem comum e com a distribuição do espaço e dos bens, com sua biopolítica, podemos dizer com Foucault (2008), constata-se a conflitualidade entre o Estado e a sociedade que se espelham pelo avesso, erigindo correspondências entre procedimentos de comando e controle, e de escape e fuga ao mesmo.

Há, verdadeiramente, em todos os tempos, pessoas que, por diversas razões, escapam à norma social, são antinorma e antilei, trabalham e vivem segundo princípios outros que não os daqueles/as cidadãos/ãs seguidores das praxes e conservadores/as da ordem e, por fim, do passado. Em constante processo de devir, os/as errantes da cidade, entretanto, chegam a criar algumas rotinas, contudo, guiados/as pela desterritorialização e não pela conservação territorial. Parecem sempre dispostos/as a perder e a reiniciar sua busca errante. No deserto da cidade, deixam seus rastros, encontram seus oásis, mas não se territorializam nos mesmos. As reterritorializações que se seguem às desterritorializações não são buscadas ou empreendidas para durar e serem conservadas.

São guiadas, as pessoas em situação de rua, para a próxima perda, para o próximo instante de perigo, pelo agora já evanescente, de acampamento em acampamento, habitantes de um tempo marcado pela errância e pela passagem, indiferentes à duração, orientados/as para algo que não tem começo e fim. Situados no *intermezzo*, no entre aqui e lá, agora e

outrora, poder-se-ia pensá-las como aquele homem referido por Maurice Blanchot (2002) que nunca morre: que sempre se esquivava dela, vivendo em sua arte de fugir as tensões da presença da morte e driblando-a pelo morrer e do morrer a cada vez sem deixar-se abolir de todo.

Sobreviventes da própria morte, as pessoas em situação de rua também convocam as potências do esgotamento, tal como refere Deleuze (2010) em seu texto *O Esgotado*, sobre Samuel Beckett. O esgotado não é o cansado. Ele se orienta para o fundo sem fundo, para o afundamento profundo. Ele, de certa forma, testa em si a força de ser indestrutível. Elege o aberto e o fora como o espaço liso e impassível de vir a ser estratificado de vez. Levam uma existência experimental, sem seguranças ou certezas, avessa aos parâmetros, porque seus trajetos e paraderos se dão por uma distribuição de pontos espaciais plenamente articulada e decorrente de sua errância entre pontos.

Referir a questão do nomadismo não quer dizer, entretanto, que estejamos considerando apenas as errâncias no âmbito geográfico. Os/as nômades não fazem decalque em seus caminhos, guiam-se por um modo de pensar que é rizomático, não filiativo. Cartografam o espaço a cada vez e sua busca sempre é uma descoberta que pode ou não se apresentar como manancial duradouro por pouco ou muito tempo. Mas, mesmo parecendo fixar-se em pontos preferidos, mesmo que pareçam ter encontrado no espaço aberto um lugar para si, não há o cultivo de sua duração. O/a nômade não é apenas um/a migrante. Quando ele/a retorna não volta para o mesmo lugar, tudo já mudou de vez, encontra-se novamente diante do inusitado e desconhecido. Tudo deve ser mapeado novamente.

Considerações finais

A obra de arte *Macunaíma Colorau* intimou-nos a mover nosso pensamento em direção à potência nômade que reside na existência das pessoas em situação de rua e, ao mesmo tempo, nos fez pensar sobre nosso posicionamento ético-político diante das pessoas com as quais pesquisamos, ou seja, de nossos sujeitos²² de pesquisa.

Até este ponto, as considerações tecidas revelam o esforço em não dissociar pesquisa, arte e vida. E sobre essa inseparabilidade também tratou Nicolas Bourriaud (2009, p. 19-20), ao discutir sobre arte contemporânea e afirmar a possibilidade de uma arte relacional, em contraponto aos “objetivos estéticos, culturais e políticos postulados pela arte moderna”. De acordo com o autor, “a arte contemporânea realmente desenvolve um projeto político quando se empenha em investir e problematizar a esfera das relações” (BOURRIAUD, 2009, p. 23).

Assim como o personagem literário Macunaíma, que marca a heterogeneidade e hibridismo de nossa constituição racial, são heterogêneas as pessoas em situação de rua e seus modos de vida na cidade. São várias histórias, vários motivos para estabelecerem morada permanente ou provisória na rua, várias as relações com o espaço. São, também, retratos dos efeitos disciplinadores do sistema social e econômico vigente.

(In)acabamos este diálogo entre a obra de arte e as pessoas em situação de rua, abertas ao encontro com a pesquisa, a vida, a arte e a rua, e seguimos nos perguntando: que ruas nos transversalizam e nos convocam a outros modos de pesquisar? Em que corpos pisamos? Quais corpos visibilizamos e de que modo? De quais calçadas e vidas desviamos?

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro / São Paulo: Livros Técnicos e Científicos / Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

ENTREVISTA com Lourival Cuquinha e Clarisse Hoffmann. ATRAVES //, 2017. (43 min.), color. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=KaeRzcgRpaY>>. Acesso em: 23 out. 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARRETO, Raquel de Oliveira; CARRIERI, Alexandre de Pádua; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. O rizoma deleuze-guattariano nas pesquisas em Estudos Organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 18, n. 1, p. 47-60, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cebape/v18n1/1679-3951-cebape-18-01-47.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.

BARROS, José Ourismar. A pessoa em situação de rua e a vida que não merece ser vivida. In: GRINOVER, Ada Pellegrini *et al.* (org.). **Direitos Fundamentais das pessoas em situação de rua**. Belo Horizonte: D' Plácido, 2014. p. 153-178.

BLANCHOT, Maurice. **O instante da minha morte**. Paris: Gallimard, 2002.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRASIL. Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm>. Acesso em: 12 nov. 2021.

SANTOS, Natália Alves dos; ZANELLA, Andréa Vieira. **Macunaíma-Colorau e pessoas em situação de rua: sobre pesquisa, arte e vida**.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 23, set-dez. 2021
Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

CANTON, Kátia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARNEIRO, Karine Gonçalves. **Moradores de rua e produção do espaço urbano: análise sobre Bogotá e Belo Horizonte sob uma perspectiva genealógica**. 2016. 508 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

COSTA, Luis Artur; FONSECA, Tania Mara Galli. Da diversidade: uma definição do conceito de subjetividade. **Interamerican Journal Of Psychology**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 513-519, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 ago. 2018.

DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. A imagem do pensamento. In: _____. **Diferença e repetição**. São Paulo: Graal, 2009. p. 189-240.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011. v. 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012. v. 5.

FARIAS, Tadeu Mattos; DINIZ, Raquel Farias. População em situação de rua e direito à cidade: invisibilidade e visibilidade perversa nos usos do espaço urbano. In: NOBRE, Maria Teresa *et al* (org.). **Vozes, imagens e resistências nas ruas: a vida pode mais!**. Natal: EDUFRRN, 2019. p. 34-62.

SANTOS, Natália Alves dos; ZANELLA, Andréa Vieira. **Macunaíma-Colorau e pessoas em situação de rua: sobre pesquisa, arte e vida**.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 23, set-dez. 2021
Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infames**. Ditos & Escritos IV: Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 65-73.

GUERREZI, Evânio Márlon. **Estado e resistência**: deleuze, guattari e a distopia do real. 2015. 151 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Filosofia Moderna e Contemporânea, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2015. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br:8080/tede/handle/tede/2080>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEMÕES, Tiago. Hierarquia, contestação e igualdade: a produção da militância política para a população de rua no Brasil. **Civitas** - Revista de Ciências Sociais, v. 19, n. 1, p.123-141, 2019. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/30356/17716>>. Acesso em: 12 out. 2019.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira; CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello; NASCIMENTO, Roberto Duarte Santana. Nomadizar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 157-161.

LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história**: pobres, escravos e deficientes no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

SANTOS, Natália Alves dos; ZANELLA, Andréa Vieira. **Macunaíma-Colorau e pessoas em situação de rua: sobre pesquisa, arte e vida**.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 23, set-dez. 2021
Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto P. (org.). **Cadernos Penesb** (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). 5. ed. Niterói: EDUFF, 2004. p. 15-34.

OSÓRIO, Luiz Camillo. 35º Panorama da Arte Brasileira: Brasil por multiplicação. 2017. Disponível em: <<https://mam.org.br/exposicao/35-panorama>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

RODRIGUES, Fábio della Paschoa. *Macunaíma e a formação de uma cultura brasileira*. Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, 2007. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/m00002.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

RODRIGUES, Igor *et al.* **Cidadãos em situação de rua**: dossiê Brasil – grandes cidades. Curitiba: Editora CRV, 2020.

ROLNIK, Suely. Diálogo e alteridade. **Boletim de Novidades**, v. 5, n. 44, p. 35-44, 1992.

SABIÁ, Ana Paula. **Madonas contemporâneas em série fotográfica**: relações estéticas e produção de sentidos sobre a maternidade. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SANCHES NETO, Miguel. Apresentação: herói primitivo. In: SANCHES NETO, Miguel; OLIVEIRA, Silvana (org.). **Coleção Literatura Brasileira**: identidade em movimento. Chapecó: UFFS, 2019. p. 5-18. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/institucional/reitoria/editora-uffs/colecao-de-literatura-brasileira-identidades-em-movimento>. Acesso em: 4 fev. 2018.

SANTOS, Natália Alves dos; ZANELLA, Andréa Vieira. **Macunaíma-Colorau e pessoas em situação de rua: sobre pesquisa, arte e vida**.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 23, set-dez. 2021
Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

SANTOS, Natália Alves dos. **Pessoas em situação de rua e a cidade:** cartografando planos, (in)visibilidades e resistências. 2021. 212 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Cultura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

SICARI, Aline Amaral. **A cidade, a rua, as pessoas em situação de rua:** (in)visibilidades e a luta por direitos. 2018. 227 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Cultura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SOUSA, Edson Luiz André de; BECHLER, Janaina. Labirintos na cidade contemporânea. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 28, n. 2, p. 390-403, 2008.

SPINOZA, Baruch de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VEIGA, Edison. Por que 'Macunaíma', lançado há 90 anos, é muito mais do que um livro de vestibular. 2018. Deborah Goldemberg em entrevista à BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45491420>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. Arte e vida. In: _____. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fonte, 1999. p. 303-330.

ZANELLA, Andréa Vieira. **Entre galerias e museus:** diálogos metodológicos no encontro da Arte com a Ciência e a Vida. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

NOTAS

- 1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.
- 2 Intitulada “Constituição do Sujeito e Arte em Vygotsky e Bakhtin”, a disciplina optativa ocorreu no segundo semestre de 2017 e teve como objetivos o estudo das contribuições das teorias de Lev Vygotsky e Mikhail Bakhtin relacionadas à produção e apreciação estética; a reflexão sobre as relações entre arte e psicologia; e a análise de produções artísticas contemporâneas relacionando-as às temáticas estudadas.
- 3 O produto final da experiência, elaborado coletivamente pela professora e alunas/os, foi um livro bordado à mão pelos próprios integrantes, criação possível a partir dos deslocamentos subjetivos propiciados pela disciplina.
- 4 A pesquisa elegeu como lócus da investigação a cidade de Florianópolis, Santa Catarina, mas outras cidades em diferentes estados, países e contextos transversalizaram as discussões tecidas. A principal estratégia metodológica adotada para a referida investigação foi a cartografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011).
- 5 Segundo o decreto presidencial, “considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória” (BRASIL, 2009).
- 6 Para mais informações sobre o museu, visite o endereço: [<http://mam.org.br/>](http://mam.org.br/).
- 7 Mais informações sobre o museu são encontradas em: [<http://www.mac.usp.br/mac/>](http://www.mac.usp.br/mac/).
- 8 Endereço eletrônico do instituto: [<https://ims.com.br/unidade/sao-paulo/>](https://ims.com.br/unidade/sao-paulo/).
- 9 Professora do Departamento de Design do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da mesma universidade.
- 10 Nas palavras do filósofo holandês Baruch de Spinoza, afeto diz respeito às “afecções do corpo, pelas quais a sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias destas afecções” (2009, p. 98).
- 11 Professor e atual diretor do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).
- 12 No blog Macunaíma Colorau (<http://macunaimacolorau.blogspot.com/>) é possível acessar detalhes da elaboração do projeto, os vídeos produzidos por todos/as participantes-artistas, fotos e o catálogo que reúne todas as obras resultantes de Macunaíma Colorau.
- 13 A entrevista na íntegra está disponível em: [<http://atraves.tv/lourival-cuquinha/>](http://atraves.tv/lourival-cuquinha/).
- 14 Kabengele Munanga (2004) define etnia como “[...] um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; ou a mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território”. Entendemos que essa noção se aproxima mais da concepção de etnia com a qual os artistas Lourival Cuquinha e Clarice Hoffman trabalharam ao longo do projeto Macunaíma Colora”.
- 15 Sobre a construção da noção de três raças, sugerimos a leitura do texto de Kabengele Munanga (2004).
- 16 Um exemplo de como varais podem ser utilizados em trabalhos artísticos encontra-se na pesquisa realizada pela fotógrafa Ana Paula Sabiá (2015).
- 17 Para Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012), o/a sedentário/a se relaciona de uma maneira mais rígida e controlada pelo Estado com o espaço, em direções bem determinadas, com velocidades limitadas.
- 18 Gilles Deleuze e Félix Guattari não apresentam uma conceituação rígida e fechada sobre a noção de Estado. Inclusive, seria incoerente com a proposta teórico-metodológica desses autores. Em consonância com os mesmos, não pretendemos evidenciar uma conceituação estática de Estado, mas, sobretudo, problematizar algumas de “suas formas de inserção, influência ou mesmo de opressão” (GUERREZI, 2015, p. 26) que este realiza. Interessa-nos mais a ideia dos autores de que o Estado tem a ver com um conjunto de forças e relações que tendem e/ou buscam mais a estabilidade e equilíbrio, “como um método de cristalização que objetiva acabar com os processos de transformação, que pressupõe certa forma de estabilidade e exclusão daquilo que difere de seu

NOTAS

modelo, do que uma objetividade geral encarnada em algum corpo jurídico (GUERREZI, 2015, p. 23).

19 Exterior ao aparelho de Estado, a máquina de guerra é um dispositivo ou estratégia outra de ser e estar no mundo que age contra os microfascismos, propiciando “uma indisciplina fundamental do guerreiro, um questionamento da hierarquia [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 22).

20 Rizoma é conceito chave da proposta esquizoanalítica de Gilles Deleuze e Félix Guattari. “Trata-se de uma imagem-pensamento que se opõe à forma tradicional de pensar e conhecer baseada em uma perspectiva arborescente, organizada e centralizada. Dessa imagem-pensamento rizomática proposta pelos autores provém um entendimento da vida de uma forma mais ampla, considerando a complexidade e a processualidade que lhe são inerentes” (BARRETO; CARRIERI; ROMAGNOLI, 2020, p. 47).

21 Para aprofundar a compreensão sobre o conceito de Fora, sugerimos a leitura de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992).

22 Andréa Zanella (2017) problematiza a palavra sujeito: ao mesmo tempo em que possui uma conotação negativa, dando ideia de sujeição a algo, alguém ou alguma situação, também carrega a potência de afirmação, apresentando alguém na posição de protagonista. Também ressalta, a partir da discussão tecida, que não se trata de uma questão “meramente semântica”, mas de uma preocupação ética que todo/a pesquisador/a deve ter com as pessoas eleitas como interlocutoras na realização de uma investigação.